

# Histórias para mil e uma noites

*O Caldeirão ferveu. Mas para garantir a folia em alta temperatura, muita gente deu duro. São muitas as lembranças do sufoco*

Rogério Dy La Fuente  
Da equipe do **Correio**

Para muitos, passado o carnaval, é tempo de lembrar os momentos de divertimento e farra curtidos. Para quem trabalhou para fazer a folia, contudo, as recordações nem sempre são dos momentos de motivação. Muitos se lembram do esforço feito para que tudo saísse como

o previsto. Ou quase.

O Caldeirão da Folia, espécie de sambódromo improvisado na via de ligação entre as duas pistas do Eixo Monumental, próximo à Torre de TV, teve aprovação quase unânime. Uma das poucas vozes discordantes foi a de mestre Flávio Gonçalves, 46 anos, carioca que está em Brasília desde 1968 e é diretor de bateria e também diretor-geral do Grêmio Recreativo e

Escola de Samba Capela Imperial, de Taguatinga. "Nunca vi nada igual", conta. "Não tinha área para a concentração nem para a dispersão das escolas. Além do mais, a segurança estava péssima."

Segundo Flávio, criado no Morro da Mangueira, nem no Rio de Janeiro se comete tanta violência no carnaval. "Tinha muito *mala* (malandro) naquela área escura da concentração. Antes de entrar na avenida, dois *pivetes* arrancaram parte da fantasia de um dos meus homens da bateria", reclama. O carnavalesco teve de voltar ao ônibus para refazer a vestimenta. "Durante o dia, aliás, os *trombadinhas* roubaram o latão de cola com

que nós dávamos acabamento a um dos carros alegóricos."

Miguel Lunardi, presidente da Associação Recreativa e Cultural Acadêmicos do Cruzeiro (Aruc), campeã do carnaval deste ano em Brasília, integra o bloco dos que aprovaram o Caldeirão e guarda recordações boas do desfile. "A melhor delas, o momento inesquecível, foi aquele em que todas as pessoas nas arquibancadas se levantaram para aplaudir a Aruc", conta. "Depois de três anos sem desfilar, parecia que nada do que aconteceu antes importava", recorda, ainda inebriado pela vitória, a 22ª na história da escola.

Luís Lima, organizador da Barato-

na, vivenciou outra história feliz. "O melhor momento foi o encontro dos dois trios elétricos que compuseram a Baratona. Os músicos são muito solidários. Quando um trio tocava, o outro aguardava em silêncio. Foi mágico", avalia.

"Uma das coisas chatas que vi, não para mim, mas para o Carnaval da cidade é que algumas atrações que passaram no Caldeirão da Folia, esvaziaram o público de outras", afirma Lima, referindo-se à passagem da Baratona pelo "sambódromo" brasileiro. Segundo ele, na noite de segunda-feira, depois da passagem da bloco, quase não restaram foliões nas arquibancadas para aguardar a ban-

da sergipana Muqueca Maluca.

O desempenho do Caldeirão da Folia foi tão estimulante para Luís Lima que ele pretende fazer um disco com as músicas da Baratona para o carnaval de 1998.

"Estou decidido a fazer uma grande festa com participação dos compositores da cidade para escolha das músicas da Baratona. Vamos gravar um CD com as melhores escolhidas e fazer uma série de eventos a partir de setembro, até o carnaval chegar", promete. "Temos de pensar um carnaval genuíno de Brasília. Quem sabe daqui a alguns anos não estamos exportando bandas e trios elétricos também?", sugere.

Paulo de Araújo 11.2.97



Construído próximo à Torre de TV, o Caldeirão da Folia substituiu o Eixo como novo foco do carnaval de Brasília, concentrando desfiles de escolas de samba, blocos e apresentações de trios elétricos